

1ª Parte

---

AUTOBIOGRAFIA  
de  
HENRY M. STANLEY

CONDENSAÇÃO DO LIVRO DO MESMO TÍTULO

O NOME de David Livingstone é hoje para muita gente um eco apenas da grande sensação jornalística que as suas explorações africanas involuntariamente provocaram, há mais de 60 anos.

Pouco mais familiar também nos será hoje o nome de Henry M. Stanley, que foi procurar e encontrar Livingstone, perdido no coração da África selvagem. E não obstante, a vida aventureira de Stanley atinge quase as raias do fantástico; as privações que sofreu e os feitos que praticou encontram na história poucos paralelos.

Jornalista-explorador, as suas proezas em África rivalizam com as dos grandes descobridores que rasgaram os véus de mistério que envolviam os continentes desconhecidos da Terra.

A história de Stanley vai contada aqui em duas partes: a primeira abrange os seus começos de vida, tais como ele mesmo os relatou na sua autobiografia; a segunda é o relato do seu encontro com Livingstone, segundo a reconstituição que dela nos legou o escritor alemão Jacob Wassermann, no livro *Bula Matari*.

## AUTOBIOGRAFIA DE HENRY M. STANLEY

**M**EU PAI faleceu quando eu contava apenas algumas semanas de existência, e só muito tarde, aos 12 anos, eu viria a descobrir que ninguém vem a este mundo sem mãe... Até depois dos quatro anos de idade andei por mãos de parentes sem carinho, ou acolhido de má cara em casas de estranhos. Em 1847, finalmente, levaram-me para a Casa de Trabalho de St. Asaph.

A Casa de Trabalho era um imenso edifício todo de pedra; quando ouvi fechar-se atrás de mim a porta, com um eco sinistro, experimentei pela primeira vez na vida o sentimento duma solidão aterradora.

As crianças viviam alí sujeitas a uma implacável disciplina. Rodeavam-nos altas muralhas, e todas as portas e janelas eram fortemente gradeadas. Acordavam-nos às 6 da manhã, e às 8 da noite éramos encurralados nos dormitórios. As nossas rações constavam invariavelmente de pão, papas, arroz e batatas—tudo rigorosamente pesado, medido e contado.

Levei algum tempo para aprender que, num asilo, as lágrimas dum menino pouco importam. James Francis, o mestre-escola maneta a cuja severa garra eu fui abandonado, era um homem de gênio brutal, que o infortúnio tornara ainda mais azedo: todo o contrário dum homem apto a entender e tolerar as preocupações da infância. Nem eu tentei sequer fazer-me entendido! Na escola, o erro mais insignificante era logo seguido duma reguada

de fazer ver as estrelas, e uma série de erros acarretava uma verdadeira maldição.

Todos os dias se repetiam aquelas cenas: um pobre menino, encolhido, era arremessado às lages do chão, os ossos num feixe, torcendo-se de dores, ou esperava de pé, os ombros encolhidos, piscando os olhos de medo, que a régua de ébano lhe viesse à cabeça, ou que um ponta-pé bestial o atingisse. O nosso programa educativo incluía: varrer o pátio do recreio, com umas vassouras mais próprias para gigantes do que para meninos; sachar e cavar a terra dura e fria da geada; e, ao serão, decorar páginas inteiras de livros...

A despeito de tantos horrores, duas coisas havia que me faziam sentir grato para com a estranha instituição de St. Asaph: embora os afetos e a doçura dum lar me fossem denegados, aprendi a ter fé em Deus, e ensinaram-me a ler e escrever. Éramos pessoas da Igreja, e as nossas prateleiras estavam guarnecidas de literatura religiosa: as memórias de Wesley, as vidas de Bunyan, de Fox, de Milton, sermões e comentários... Era para mim uma idéia reconfortante saber que, embora sem parentes nem amigos para quem apelar neste mundo, eu tinha um Pai no céu, perante o Qual eu valia tanto quanto o mais poderoso deste mundo.

Quando completei os 11 anos, o «rei» entre os rapazes da escola—tanto pela beleza como pela doçura—era um garoto chamado Willie Roberts, aproximadamente da minha idade. Um dia

adoeci. Semanas mais tarde, quando já entrava em convalescença, chegou-me uma notícia que me assombrou: Willie morrera de repente! Como a enfermaria abria para um pátio onde se encontrava a barraca que servia de morgue, alguns dos rapazes lembraram que poderíamos ir espiar o companheiro morto. Acicatados por uma curiosidade temerosa, insinuamo-nos no barracão. O corpo jazia num caixão negro. Um de nós, mais ousado, ergueu a mão e arredou o lençol que o cobria... À vista daquela face macilenta, de cera, com a sua rigidez horrenda, recuamos com os olhos arregalados de pavor.

A curiosidade fez-nos arredar mais o lençol, e vimos então que o pobre corpo lívido mostrava dúzias de nódoas negras. Um relance de olhos fora bastante: tornamos a cobri-lo, e fugimos a toda a pressa, convencidos de que o mestre, Francis, era responsável pela morte do nosso querido colega.

Em maio de 1856 produziu-se um acontecimento que alterou o curso de minha vida. Tinha sido encomendada uma mesa nova para a sala de aula, e algum gurí imprudente a tinha golpeado a canivete. Francis agarrou uma vara de vidoeiro, e encaminhando-se furioso para a primeira turma, exigiu lhe dissessem o nome do culpado. Ninguém o sabia, e respondemos consoante a verdade.

«Pois então,» rosnou ele, «apanha a classe inteira. Dispa-se!»

Começou pelo fundo da sala, e daí a pouco produziam-se a gritaria, o estorcer de corpos e as lágrimas do costume. Mas, a essa altura, eu me tornara o estudante mais adiantado da escola, tinha-me encarregado com êxito das aulas na ausência do mestre, e adquirira, como inconscientemente, um senso de digni-

dade pessoal e orgulho. Quando chegou a minha vez, sentí que o meu corpo todo se retesava para a defesa...

—Então que temos? berrou Francis com feroz expressão.— Ainda não se aprontou? Dispa-se já neste instante, senhor!

—Não! Nunca mais! gritei-lhe, maravilhado da minha própria temeridade.

Ainda mal me tinham saído da boca essas palavras, quando me sentí erguido no ar pela gola da blusa, arremessado contra o banco como uma trouxa, e esmurrado na boca do estômago... Fui de novo levantado e de novo atirado no banco, com um choque que por pouco me fraturava a espinha. Mas, quando o mestre de novo arremeteu para me botar a unha, atirei-lhe um vigoroso soco que, por sorte, lhe espatifou as lunetas, quase o cegando com os estilhaços de vidro. Ao recuar estonteado pelo golpe, Francis esbarrou num banco, virou de pernas para o ar, e deu com a nuca no chão. Pulei então de pé, agarrei a vara dele, e dei-lhe pancada a esmo, até que a inconsciência com que ele recebia a sova me chamou à realidade do que eu estava fazendo.

Fiquei apavorado, sem saber como sair da situação. E agora? Minha raiva tinha-se evaporado, e, ajudado pelos companheiros, arrastei o mestre para o seu quarto. Quando, fechada a porta atrás de nós, o meu amigo Mose me perguntou num sopro «se o mestre teria morrido», o repugnante pensamento encheu-me de pavor, e cedí à sua sugestão de que o melhor era fugirmos dali. Antes, porém, mandei um rapaz a informar-se do estado do mestre: foi um alívio para mim saber que ele já estava de pé, lavando a cara ensanguentada.

Mose e eu largamos logo da escola,

trepamos ao muro da cerca, e demos às de vila-diogo, como se nos viesse no encalço uma matilha de sabujos.

### *À deriva . . .*

SE PORVENTURA eu tivesse alimentado alguma esperança de ir encontrar amigos e carinho para além do domínio emparedado de St. Asaph, estaria condenado a uma pronta desilusão. Até as crianças, ao ver-nos com a blusa sinistra da Casa de Trabalho, nos cuspiram o seu desprezo.

Ao cair da noite, entramos rastejando num forno-de-cal abandonado, mortos de cansaço, desanimados, e apavorados com a escuridão. Assim passei a noite mais trágica de que guardo memória. Retomamos a fuga ao romper da aurora, roídos de fome e de tristeza. Vencendo a custo nossa timidez, pedimos um pedaço de pão a uma velha, gorda e maternal, e nessa segunda noite buscamos refúgio numa meda de feno.

No dia seguinte, muito cedo, chegamos a Denbigh, onde Mose tinha uns parentes que nos acolheram com bondade. Após uma noite de repouso que me refrescou as forças, partí dali sozinho, para ir ver meu avô, abastado proprietário duma grande fazenda, e em menos de uma hora alcancei o pátio da casa, onde os gansos grassavam, por entre os nédios cavalos e os porcos de engorda. Essa entrevista com meu avô me havia de ficar gravada na memória. Vejo-me ainda, de pé na cozinha, a boina humildemente na mão, encarando aquele velho gentleman de cara congestionada e expressão severa, de calção curto, confortavelmente sentado, e tirando fumaça dum comprido cachimbo de barro. Perguntou-me quem eu era, e o que queria; e quando, ouvida a minha súplica, tirou o ca-

chimbo da boca, foi para apontar com ele para a porta e dizer:

«Pois muito bem. Agora volte pelo mesmo caminho por onde veio. Não posso fazer nada por você.»

Fui bater à porta de outros parentes. Mas quem tem mulher e um rancho de filhos agarrados à perna, pouco se lhe dá de ver os parentes pobres. Ainda assim, um primo meu, rapaz novo e mestre de meninos, conservou-me algum tempo em sua companhia: agradou-lhe o meu rápido progresso nos estudos. Mas os rapazes da escola faziam-me zombaria por eu ter estado internado no asilo, e não tardou que meu primo ficasse ansioso por se desembaraçar de mim.

Assim, tão depressa uma tia de Liverpool, que nos veio visitar, arriscou a confiante afirmação de que o marido—o tio Tom—poderia abrir-me carreira como escriturário de seguros, ficou logo decidido que eu partiria. Decentemente enfarpelado, e munido de um «soberano», fui remetido para Liverpool.

O tio Tom era galhofeiro e bastante fanfarrão, e arquitetou logo esperanças de um grande futuro para mim. Mas, infelizmente, ganhava apenas uma libra por semana, com a qual tinha que sustentar uma numerosa família. Seu erro—se é que de erro se pode falar—avalia-se bem pelo fato de se ter metido a cuidar de mim, quando já tinha uma larga família necessitada. O belo emprego sonhado nunca se concretizou, e a tia Maria acabou me chamando um dia de parte, para me pedir emprestado o «soberano» de ouro, que me dera meu primo, dizendo: «Já passa de três semanas que o tio Tom está sem trabalho. Anda mesmo caído com aquela tristeza, e tenho de ver se lhe dou um bocado de ânimo, com um bom almoço, ou dois.»

Na semana seguinte, segunda-feira

de manhã, pediu-me emprestado o terno de Eton, que correu a por no «prego»; daí a oito dias seguiu-se o meu capote, e foi então que me convenci de que a família estava em sérios apertos.

Pus-me então a perambular pelas ruas, um busca de qualquer trabalho, espiando as montras de todas as lojas para ver se encontrava letreiro que rezasse «Rapaz—precisa-se». Ofereci meus serviços em dúzias de lojas, mas em resposta, eu era umas vezes demasiado novo, outras pequeno demais; ou não era bastante esperto; ou já chegara tarde. Um dia, enfim, depois de muitas recusas, conseguí meu primeiro emprego numa camisaria da London Road, por cinco xelins à semana. Tinha por dever aguentar das 7 da manhã às 9 da noite, varrendo, aparando as torcidas dos candieiros, limpando as vidraças, pondo e tirando os pesadíssimos taipais.

Às 6 e meia da manhã tinha que sair de casa, com uma caixa de lata onde levava pão com manteiga e um pedacito de carne fria, para me sustentar até às 9 da noite. Enquanto me duraram as forças que acumulara no campo, meus hábitos se mantiveram regulares; mas ao cabo de dois meses o peso daqueles taipais me tinha arrasado, e caí de cama, doente, durante uma semana. No ínterim, o camiseiro arranjou outro empregado para me substituir, um moço forte, de 18 anos. E seguiu-se outro mês, gastando solas por aquelas ruas, em busca de novo emprego.

Certo dia, nas docas, ao fazer não sei que recado para um carniceiro, mandaram-me a bordo do paquete *Windermere* com um balaio de provisões, e uma nota para o capitão. Foi nessa conjuntura que o Fado decidiu de minha vida... Enquanto o grande homem lia o seu bilhete, eu admirava, com olhos esbu-

galhados, a rica mobília da cabina, os espelhos de moldura dourada, os reluzentes madeiramentos; e nisto, reparei que estava sendo atentamente observado.

—Moço, estou vendo que você admira a minha cabina, disse o comandante. —Você gostava de viver aqui?

—Senhor?! respondi atônito.

—Estou dizendo, que tal lhe parece embarcar neste navio?

—Mas eu não entendo nada de marinha, *sir!*

—Bobagem. Depressa aprende. Que acha se eu lhe levar comigo como moço de cabina? Pagarei a você 5 dólares por mês, e uma roupa. Daquí a três dias levantamos ferro para Nova Orleans. Decida.

Por um momento, todos os meus infortúnios e descontentamentos me subiram à cabeça para me inspirar a decisão. E respondi:

—Eu vou, *sir*, se acha que sirvo...

### *Mar alto*

JAZÍ TRÊS dias absorto e inconsolável a bordo do *Windermere*; mas à manhã do quarto dia, uma voz áspera e violenta, vindo aos berros pela escotilha abaixo, despertou-me bruscamente para a vida:

—Ora vamos, seu inglezinho duma figa! Salte cá pra cima e esfregue-me este tombadilho, seu marujo de água-doce, tripa de galinha! Ou vou lá em baixo e te arranco a pele do lombo!

Estas e outras expressões mais fortes, enunciadas peremptória e raivosamente, teriam bastado para erguer um morto do seu sono. Esquecendo o meu enjôo, subí aos tropeções ao tombadilho. Relanceei a vista o mais velozmente que pude à face rubicunda do homem que assim, colericamente, me

interpelara, e curvei-me logo em cima da escova; vendo-me sem demora agarrado à tarefa, o homem disparou com ironia para outro moço que estava a sotavento:

—Harry, meu rapaz, tenho certeza que você não quer sentir atrás o bico de minha bota, ou quer?...

—Não, sir! respondeu prontamente o interpelado.

—Nesse caso, ponha-me todo o peso em cima dessa escova, 'tá ouvindo?

—Ai, ai, sir!

O contramestre endireitou o busto e dirigiu-se para um grupo de marinheiros que andavam industriosamente fazendo a limpeza do navio, e desatou a vomitar-lhes injúrias e blasfêmias de estarrecer. Ouvindo-o praguejar daquele jeito, pensei comigo quanto tempo ainda iria o Todo Poderoso conter a sua justa cólera...

Deram as oito, e fui informado de que teria de partilhar minha cama com Harry, no camarote dos aprendizes. Do meu emprego como moço de cabina do comandante, nem pio! Harry, meu companheiro de camarote, já tinha feito uma viagem no *Windermere*, e quando eu lhe disse que fora contratado para «moço de cabina», ele achou divertidíssimo, e disse que não era a primeira vez que o capitão pregava uma «partida» dessas. «Quando foi da última viagem, levávamos dois «moços de cabina», mas assim que chegamos ao largo, o contramestre correu com eles bem depressa para a proa. Foram insultados e mal tratados todo o caminho, até Nova Orleans, e quando lá chegamos desembarcaram e fugiram, com medo de que o tratamento fosse ainda peor no regresso à Inglaterra. O capitão deve ter embolsado uns 25 dólares em salários que os moços não receberam...»

A disciplina era brutal a bordo do *Windermere*. Alí, homens adultos eram xingados, oprimidos, tratados a murro e pontapé pelos contramestres, verdadeiros carrascos, tal qual os meninos do asilo, que Francis socava e espancava. Felizmente para mim, durante a primeira semana foram descobertos a bordo três passageiros clandestinos, cuja presença desviou de mim a cólera e as sevícias dos superiores, de sorte que a viagem não foi propriamente intolerável.

Cincoenta e três dias depois de saído de Liverpool, o *Windermere* fundeava em Nova Orleans. Tão depressa nos deram liberdade, eu e Harry largamos a correr pelo quebra-mar, loucos de alegria. O ar tépido e embalsamado, carregado dos aromas exóticos de melaço fermentado, de açúcar meio cozido, de café verde, de alcatrão de Estocolmo, de carne de boi em salmoura, de emanações de rum e de *whiskey*, parecia envolver de poesia todas as coisas que olhávamos. As pessoas por quem passávamos me pareciam mais nobres do que as que até então eu vira. Caminhavam balançando os corpos da maneira menos britânica possível, e a expressão de suas fisionomias diferia inteiramente do que eu me habituara a ver. E eu me esforçava teimosamente por dar um nome ao que me parecia tão estranho. Sei hoje, é claro, que era o sentimento de igualdade e independência que tornava aquelas caras tão diferentes das que eu conhecera em Liverpool. Aqueles homens não conheciam senhores, e não viviam no pavor de patrões.

Uma vez no porto, os contramestres dobraram de brutalidade disciplinar contra mim, sobrecarregando-me impiedosamente de trabalho, afim de me forçarem a fugir do navio, para que os

donos deste pudessem economizar o miserável salário que me era devido; finalmente não conseguí aguentar por mais tempo aquela vida de escravo, e na segunda noite agarrei na minha trouxa e na Bíblia, fugi a correr pelo cais fora, e escondi-me num montão de fardos de algodão, à espera que amanhecesse.

### *Mãos ao trabalho*

**P**OUCO DEPOIS do amanhecer, saí do meu esconderijo, sacudi a poeira de algodão que me cobria, e encaminei-me para a Rua Tchapitoulas. Cerca das 7 horas, vi um cavalheiro sentado em frente duma loja, lendo o seu jornal. Parecendo-me que fosse ele o proprietário do estabelecimento, sobre as portas do qual se lia, numa tableta, a firma «Speake & McCreary, Comissões e Vendas a Grosso», aventurei-me a lhe perguntar, não sem ter lançado segundo olhar de inspeção ao seu rosto expressivo:

—O senhor está precisando um moço?

—Um moço? fez ele, olhando-me fixamente.—Não, acho que não preciso. De onde vem você? Você não é americano.

—Cheguei de Liverpool, *sir*. E expliquei as condições em que viera.

—Bom! exclamou o sujeito. —Sem amigos, em terra estrangeira, hein, e quer começar a fazer fortuna, não é assim? Ora me diga o que é que você sabe fazer. Sabe ler? Que livro é esse que tem aí no bolso?

—É a minha Bíblia, *sir*. Quem me deu de presente foi o nosso bispo. Oh, eu sei ler, pois claro! repliquei com orgulho.

O cavalheiro abriu o livro e sorriu ao ler esta dedicatória: «Oferecido a John

Rowlands pelo M.<sup>o</sup> Rev.<sup>o</sup> Thomas Vowler Short, DD., Lorde-Bispo de St. Asaph, em prêmio de aplicação ao estudo e bom comportamento em geral.»

Restituindo-me a Bíblia, apontou-me um artigo no jornal, e disse:

—Leia aquí.

Obedecí. Na opinião dele, li muito corretamente, mas com um sotaque estrangeiro.

—E sabe escrever bem? perguntou em seguida.

—Sim senhor. E com uma letra firme, segundo me têm dito.

—Então vamos a ver que tal você é capaz de marcar aquele saco de café com o mesmo endereço que vê no que tem ao lado. Alí tem a lata de tinta e o pincel.

Em poucos segundos eu tinha pintado o letreiro: «<sup>®</sup> Memphis, Tenn.», e olhei para o sujeito.

—Bom trabalho, disse ele. —Agora vá pra diante, e marque os outros sacos da mesma forma.

Havia bem uns vinte sacos, e em poucos minutos estavam todos marcados.

—Ótimo! exclamou o americano.

—Desta vez não há perigo de se perder meu café. Mr. Speake vai estar aquí lá pelas 9. No meio-tempo, o melhor é você vir almoçar comigo.

Em vista da importância das primeiras impressões, aconselhou-me a ir cortar o cabelo e a dar uma escovadela na roupa. Depois de comermos, levou-me a um barbeiro. Quando voltamos à loja de Speake & McCreary, o meu protetor declarou que eu tinha uma aparência de primeira ordem.

Após as saudações mais cordiais, o meu benfeitor afastou-se levando Mr. Speake pelo braço, e teve com ele uma

animada conversa de alguns minutos. Voltando para perto de mim, Mr. Speake disse com um sorriso:

—Bem, meu rapaz, estou disposto a propor-lhe uma semana de experiência, com o salário de 5 dólares.

Foi como se uma alma nova, alegre e orgulhosa, me tivesse entrado no corpo. Poucas horas atrás eu era uma criança a quem, num impulso de cólera, se podia esmagar o crânio; e agora, num abrir e fechar de olhos, era livre, e achava-me guindado à categoria de ser humano.

Agarrei-me ao trabalho com avidez; minha atividade e memória pronta não tardaram a ganhar-me o apreço daqueles homens. A semana de experiência decorreu satisfatoriamente, e fiquei empregado permanentemente a 25 dólares por mês. Pago o quarto e a pensão, ficavam-me 15 dólares, o que era, a meus olhos, uma verdadeira fortuna.

Poucas semanas depois de ter desembarcado na América, eu tinha mudado completamente de humor e de caráter. Possuía o privilégio da liberdade de pensamento e de palavra, e estava imune da opressão e do desprezo que noutras terras se votava aos «inferiores»; por toda a América, o tratamento que me fosse dispensado dependeria unicamente do meu caráter pessoal, sem atenção a nome de família ou genealogia. Endireitei as costas e erguí os ombros; minhas passadas se alongaram, graças à nova independência que eu saboreava. Tinha agora 15 anos, e tinham decorrido apenas 18 meses desde que fugira de St. Asaph.

Soube pelos meus patrões que o homem com quem eu falara primeiro, o meu benfeitor, era um corretor que negociava entre os plantadores de rio acima e os mercadores de Nova Or-

leans. Chamava-se Stanley. Um quatro semanas depois da minha entrada, Stanley regressou à cidade com um maço de encomendas. Felicitou-me pelo melhoramento de minha aparência, e segredou-me que Mr. Speake estava muito satisfeito comigo. Deu-me um cartão de visita, e convidou-me a almoçar em sua casa no domingo seguinte.

Chegado esse dia, ao ver diante de mim uma casa de tanta imponência, fiquei hesitante em entrar, e só o fato de que Mr. Stanley me estava esperando na varanda venceu a minha timidez. Conduziu-me ele a uma vasta sala, luxuosamente mobiliada, e apresentou-me a uma senhora, fragil e pequenina, que era a verdadeira incarnação da delicadeza. Foi a primeira *lady* que encontrei na minha vida, e nada poderia ter sido mais bem calculado para dominar o meu acanhamento, do que a graciosa recepção que ela me dispensou. Fez-me sentar a seu lado no divã, e daí a pouco já minha língua se desatara com surpreendente volubildade.

Quando nos levantamos para ir para a mesa do almoço, fui encontrar ali umas doze pessoas, aproximadamente da idade e posição dos Stanley; feriu-me desde logo a impressão de que nos separava um quase invencível abismo. A conversação daquela gente versava sobretudo assuntos que ultrapassavam a minha compreensão; mas, embora tenham percebido pela minha idade e maneiras que eu não pertencia ao seu nível social, deram-me a honra de me incluir no círculo de que faziam parte. Foi, de toda maneira, um almoço verdadeiramente memorável para mim.

A partir de então passei sempre as manhãs de domingo com os Stanley, e de visita em visita a esposa do meu

protetor parecia tornar-se mais bondosa e terna comigo, e ele mais paternalmente cordial. Levaram-me à igreja, e deram-me muitos outros sinais do seu cuidado e carinho.

O verão de 1859 foi extremamente doentio, e um dia Mr. Speake, meu patrão, caiu doente. Quatro dias depois estava morto! O seu estabelecimento foi adjudicado em hasta pública, mas a nova firma proprietária manteve-me a serviço.

Algumas semanas depois, quando fazia a minha visita habitual do domingo à senhora Stanley, fiquei desolado ao saber pela empregada, Margarida, que a senhora estava também seriamente doente, e que o seu estado exigia constantes atenções. Mr. Stanley estava ausente, em viagem, e a fisionomia da empregada traía tanta fadiga e ansiedade, que lhe roguei dispusesse dos meus serviços. Depois de alguma hesitação, concordou em que eu poderia permitir-lhe tomar um pouco de repouso, se me sentasse à porta do quarto da ama e, ao mais leve rumor ou movimento da enferma, corresse a chamá-la. Mantive-me no posto todo aquele dia e toda a noite, e apesar dos frequentes chamados, Margarida pôde repousar e reconstituir as forças gastas. Quando saí para o meu trabalho, na segunda-feira, prometí pedir algumas dias de licença na loja, e regressar para junto dela dentro de uma hora. O meu novo patrão, porém, pareceu considerar subversivo o meu pedido de alguns dias de liberdade, e disse-me laconicamente que podia ir-me embora, se quisesse, e nunca mais voltar. Resposta assim tão grosseira, meses antes ter-me-ia deixado o coração do tamanho dum feijão: mas a atmosfera de Nova Orleans parece amadurecer em nós a noção da inde-

pendência e da dignidade pessoal, e repliquei nestes termos:

—Muito bem, *sir*. Pode me considerar já despedido!

Todo o meu tempo estava agora ao dispor de Margarida. Entretanto, o estado da boa sra. Stanley agravara-se rapidamente; e na quarta-feira à noite, o médico declarou desesperada a condição da doente. Perto da meia-noite, Margarida apareceu-me com uma cara solene e aterradora, e rogou-me por acenos que fosse no quarto da patroa. Entrei nas pontas dos pés, com o coração a bater penosamente. Avistei uma vasta cama sob um cortinado de musselina branca, onde jazia a doente, que de tão fragil e delicada me fez sentir envergonhado da minha própria saúde e força; abriu com dificuldade os olhos bondosos e, numa voz que parecia vir de longe, disse-me: «Seja bom rapaz. Deus o abençoe!» E como eu me esforçava por ouvir mais e melhor, a sua voz sumiu-se, os olhos ficaram grandes e arregalados, o olhar tornou-se fixo, e por toda aquela fisionomia torturada de sofrimento se espalhou uma doce e bela tranquilidade. Quando me volví para procurar os olhos de Margarida, percebi que era chegada a morte...

Durante algum tempo sentí-me demasiado acabrunhado para fazer nada que prestasse. Mas, pouco a pouco, como que se ergueu a nuvem que me oprimia a alma, e deitei a buscar trabalho. Parece porém que a sorte, desta vez, não se mostrava tão generosa para mim: após duas semanas de esforços infrutíferos, acabei sujeitando-me a toda espécie de vis ocupações, e ao fim de um mês de luta comprei passagem no vapor para St. Louis, onde contava ir encontrar Mr. Stanley.

Chegado alí, ao perguntar por ele no

Planter's Hotel, onde o julgava hospedado, informaram-me de que o meu amigo regressara a Nova Orleans havia uma semana! Já nessa altura os meus recursos estavam quase esgotados. Felizmente, conseguí obter passagem de regresso como ajudante do cozinheiro, a bordo duma barçaça do transporte de madeiras.

### *Encontrei um pai*

O ACOLHIMENTO que Mr. Stanley me dispensou em Nova Orleans, onde acabei por encontrá-lo, foi tão paternal, que nem o filho pródigo poderia ter-se sentido tão feliz como eu, ao regressar ao lar.

Entre a frase que acabo de traçar e a que se segue, deveria eu deixar um intervalo semeado de \* \* \* \* \*. O meu contentamento era tão grande, e enchia-me de tal modo o peito, que eu nada podia observar além da nossa mútua satisfação. Mas as palavras que ele pronunciou acabaram sacudindo-me até o mais íntimo do ser: Mr. Stanley, aliás bastante comovido, estava-me dizendo que *ia tomar o meu futuro a seu cargo!* Impressionara-o tanto o que Margarida lhe contara da cena derradeira junto ao leito mortuário da esposa, que Stanley não pudera mais separar a minha imagem do pensamento dela; ficara meditando no que estaria eu fazendo, e, sabendo-me tão destituído de amigos quanto de malícia, todas as suas conjeturas haviam sido desoladoras; ao desembarcar em Nova Orleans, resolvera procurar-me diligentemente, e tomar conta de mim.

Nos meus sonhos de infância eu imaginara muitas vezes o êxtase que seria ter o amor dum pai, como invejosamente o vira dispensado a outras crianças; e agora, como caida do céu,

chegava-me esta inesperada resposta às minhas preces!

Antes de me dar tempo de apreender toda a significação que a sua promessa teria para mim, Mr. Stanley se tinha erguido e, abraçando-me com ternura, precipitava-me numa crise de choro convulsivo. Era a primeira vez que alguém tinha para comigo um gesto de ternura, e o que nunca os atos de crueldade haviam conseguido de mim, um simples abraço o fez: as lágrimas correram-me torrencialmente pelas faces, e os soluços sacudiram-me o peito.

Stanley acrescentou que, vendo-se sem filhos, ele e a esposa muitas vezes tinham rogado a Deus que lhos concedesse, até que se fatigaram de desejar e esperar. Muitas vezes lhe voltara à mente a pergunta que lhe fizera no dia de minha chegada: «O senhor está precisando um moço?»—e que parecia vir ao encontro de seu desejo de toda uma vida. «Prometo adoptá-lo como filho, e prepará-lo para seguir a carreira do comércio; e de futuro, você terá direito a usar o meu nome, Henry Stanley.»

A partir desse momento supremo, minha existência entrou numa verdadeira idade de ouro. Andando eu pela rua ao lado de meu novo pai, muitas pessoas terão percebido, na minha face e nos meus olhos radiantes, a felicidade que me transbordava da alma. Só por um severo esforço de domínio conseguí conter a alegria, que ameaçava prorromper com efervescência histérica e quase indecorosa.

Grande parte daquele dia levamos em preparativos para a nova posição que eu iria ocupar. Recebí uma suntuosa e elegante coleção de fatos novos, roupas brancas, colarinhos, flanelas, sapatos, botas de carneira, e artigos de

toalete que me eram completamente estranhos, tais como escovas de dentes e de unhas. Fui então conduzido a um quarto onde havia uma banheira comprida, metida num casco de madeira escura, e, enquanto lhe admirava os esplendores, foram-me contando a respeito do seu uso diário tais virtudes, que imediatamente contraí um entranhado amor por ela...

Nessa tarde me lavei e esfreguei como se quisesse arrancar de mim as nódoas de que a horrível miséria e pobreza me tinham impregnado. Os rapazes criados em família assimilam inconscientemente os hábitos e maneiras nela predominantes; mas eu nunca tivera lar, e era por isso singularmente ignorante das pequenas graças da vida doméstica. Sem dar por tal, no mesmo instante em que saí da sala de banho, comecei, enfarpelado como nunca me vira, a fazer essa educação elementar que me deveria tornar digno de aparecer no mundo ao lado dum homem respeitado.

Durante cerca de dois anos fizemos numerosas viagens entre Nova Orleans, St. Louis, Cincinnati, e Louisville; mas passamos a maior parte do nosso tempo nos afluentes do Baixo Mississipi, onde se fazia muito bom dinheiro em transações com os mercadores do campo. Com essas viagens de negócio, adquiri melhores conhecimentos geográficos do que poderia ter-me dado qualquer ensino escolar. E minha memória de nomes, caras e pormenores de negócios, era frequentemente de grande utilidade a meu pai adotivo.

Quando largamos de Nova Orleans, em fins de 1859, levávamos conosco uma mala cheia de livros escolhidos, e meu pai deu-me a entender que devia prosseguir nos meus estudos com tanta diligência como se na escola estivesse

ainda. Com semelhante homem a servir-me de guia e mestre, uma viagem fluvial não podia ser obstáculo à minha educação. Na realidade, era tal o seu anseio de que eu aproveitasse bem todos os minutos, que eu próprio acabei por me deixar contagiar pelo sentimento de que o tempo é alguma coisa de tangível... E, durante esses dois anos, lemos juntos, e juntos discutimos cuidadosamente tantos livros, que a minha educação progrediu como se eu andasse acompanhado de um preceptor.

Fiz sempre os mais zelosos esforços por seguir as sugestões de meu pai, ainda as mais leves. Apesar disso, receio não ter sido sempre digno da sua infinita solícitude, ou não ter saído à altura das suas generosas esperanças. Eu era da qualidade dos que não fazem sempre a coisa correta e esperada, e por vezes a minha conduta deve ter sido para ele motivo de duras provas.

### *De novo à deriva . . .*

EM SETEMBRO DE 1860, a bordo dum navio que se destinava a Nova Orleans, encontramos um apurado cavalheiro de alta estatura, o major Ingham. Antes de termos chegado a esta cidade, tínhamo-nos tornado tão íntimos, que ele nos convidou a passar um mês na sua companhia, na plantação que possuía no Arkansas. Mas uma carta de um seu irmão, residente na Havana, causou por essa altura grande ansiedade a meu pai, tornando urgente ir vê-lo; o convite do major Ingham veio tornar as coisas muito mais fáceis para nós: eu iria ficar na casa dele, enquanto meu pai fazia a viagem a Cuba. Tivéramos nós então sonhado que essa separação seria a derradeira, e ambos teríamos evitado separar-nos; mas, ignorantes do destino todo-pode-

roso, tinha soado para nós a hora da separação definitiva.

Quando chegou a hora de meu pai partir, o major Ingham e eu acompanhamo-lo a bordo do vapor da Havana, e saímos logo para o Arkansas. A contar dessa data, as cartas de meu pai se fizeram muito irregulares, e foram rareando, até que, finalmente, o seu silêncio se tornou absoluto. Março de 1861 ia bem adiantado, e eu sempre à espera de notícias dele, ou de vê-lo em pessoa; mas os dias passavam, e nada de novas. Não devíamos tornar a ver-nos. Meu pai morreu subitamente em 1861, e só muito mais tarde vim a saber da sua morte.

Neste ínterim, graves e decisivos acontecimentos históricos se produziam na América do Norte. Alguns estados do Sul, os «Confederados», tinham-se declarado em franca rebelião contra o governo federal, e a maioria dos estados algodoeiros haviam-se separado da União. Era a Guerra da Secessão. Nos começos de maio, o Arkansas seguiu-lhes o exemplo; apoderou-se do povo um frenesim belicoso, e, contagiado pelo entusiasmo e ódio geral contra os «bárbaros ianques», eu alistei-me voluntariamente nas tropas confederadas.

Até então, nunca em minha vida eu praticara nenhum sério erro: mas o meu alistamento foi, sem dúvida, uma gafe seriíssima—a primeira apenas duma longa série... Mas eu estava a caminho de me transformar, como qualquer digno filho do Sul, num indomável ferrabrás. O entusiasmo popular pôs-nos a cabeça a andar à roda, e desatamos a pulir os botões amarelos, as armas, o correame, a tirar retratos em daguerreotipo, com o aspecto mais façanhudo deste mundo, de revolver engatilhado numa das mãos, a faca de

mato na outra, e a boca torcida num ricto de ferocidade...

Ao fim de poucas semanas, marchávamos pela última vez nas ruas da capital do Arkansas, entre flores, bandeiras e aplausos delirantes do populacho. Cantamos em coro as estâncias de «Dixie», que ficaram famosas, e as meninas choravam, acenando com os lenços! A luz do sol faiscava, deslumbrante, no aço impecável das baionetas e das espingardas engraxadas. Os estandartes dos regimentos e das companhias drapejavam na brisa, enquanto, passo firme e olhos em frente, marchávamos a caminho da luta.

Se as damas de Little Rock tivessem assistido nessa noite à nossa chegada ao acampamento, já tarde, após o primeiro dia de marcha, a nossa vergonha teria sido eterna. Como todo recruta novato, íamos demasiado carregados de equipamento desnecessário, e a fadiga tornou-se excessiva. Chegamos sujos, cobertos de lama. Dentro de duas semanas tinham morrido cinquenta homens, de tifo ou malária, ou por causa do rancho, que era desgraçado. Três semanas depois, todos parecíamos moribundos...

Com o tempo, entretanto, lá nos fomos acostumando à dieta de presunto com favas, e aprendendo a dormir com uma pedra a servir de almofada. À medida que as durezas da vida militar e as primeiras escaramuças nos foram temperando a fibra, parece que a campanha se foi tornando menos difícil.

### *Shiloh*

A 2 DE ABRIL DE 1862 recebemos ordem de cozinhar rações para três dias. Quarenta e oito horas depois saímos de Corinth, para tomar parte numa das mais cruentas batalhas do Oeste. Às

quatro da madrugada levantamos o nosso bivaque dos pântanos, e avançamos ao assalto de Shiloh, desdobrados numa frente de uma légua.

A batalha rugiu toda a manhã, e não parávamos de carregar e disparar as nossas espingardas de pederneira, obsoletas. Por fim, apanhou-nos pela frente uma tamanha saraivada de balas, que recebemos ordem de procurar abrigo; e quando nos reerguemos para continuar o ataque, — com outros doze homens, eu tinha-me refugiado atrás dum árvore tombada—alguma coisa me deu um violento choque na fivela do cinturão, e lançou-me por terra. Não teria ficado muito tempo prostrado, quando voltei a mim do choque, e reparei que tinha a fivela profundamente machucada. Não avistando a minha companhia, tomei para o Norte, na direção que o regimento levava, sobre um terreno semeado de cadáveres e destroços de material. Os pormenores dessa marcha de inferno fundem-se numa massa de horrores, que o nome de Shiloh nunca deixará de evocar em minha memória.

Alcancei o meu regimento devia ser uma hora da tarde, para o encontrar empenhado num assalto furioso. A batalha continuou toda a tarde, e por fim, cerca das 5, atacamos e capturamos um vasto acampamento. Depois de termos repellido o inimigo para bem longe dali, tivemos ordem de retirar. Por essa altura eu já não parecia senão um autómatto andante: só tinha um desejo—era o de repousar.

Acordei fresco e repostos uma hora antes do amanhecer; e depois de ter comido bem, reingressei, já dia claro, na minha companhia. Quase imediatamente, os regimentos receberam ordem de por-se em linha de batalha, e começa-

mos a avançar em ordem de escaramuça. Sentia-me mais ativo talvez do que normalmente teria estado, porque o capitão Smith me dissera: «Vamos, Mr. Stanley, por favor: mexa essas pernas para a frente!» Esta distinção de me tratar pelo nome soprou meu amor-próprio, e atirou-me para diante como um foguete. Não tardamos em encontrar o inimigo, que marchava em formação idêntica à nossa, avançando resolutamente. Postávamo-nos atrás da primeira árvore ao nosso alcance, disparando e carregando, e avançávamos depois em direção a outro abrigo. A certa altura achei-me num espaço aberto, coberto de relva, sem árvore nem toco que me servisse de escudo; mas, avistando uma pequena cavidade a uns vinte passos adiante, corri dum pulo a ocultar-me ali, e assestei o meu mosquete a toda a pressa. Aquele espetáculo interessou-me vivamente, e, esquecido de que era um guerreiro, parei de atirar.

Tão absorto fiquei a olhar os uniformes azues que me vinham pela frente, que nem atenção prestei mais aos meus camaradas em farda cinzenta, e nem pela cabeça me passou a idéia de bater em retirada. Mas como, a despeito de nossa fuzilaria, os azues continuavam a aproximar-se inquietadamente, saí do meu buraco: qual não foi o meu assombro quando me encontrei, solitário e de uniforme cinzento, em plena linha de atiradores *azues*! Ainda não tivera tempo de raciocinar, quando ouvi um brado: «Largue essa arma, *Secesh*, ou faça-te um buraco no canastro! Largue depressa!»

Rodeavam-me bem uns seis adversários. Larguei a espingarda sem detença. Estava nas mãos, dos «terríveis» ianques.

### *Prisioneiro de guerra!*

FOMOS EXPEDIDOS a 8 de abril para o Campo Douglas, nos arredores de Chicago. Nos edifícios da confrangedora possilga-prisão, a vermina pululava, e dentro de uma semana a recente colheita de prisioneiros começou a succumbir aos efeitos do ambiente. Desordens biliares, disenteria e tifo começaram a causar devastações, e a minha companhia sumia-se a olhos vistos de dia para dia. Todas as manhãs chegavam os carroções ao hospital e à casa mortuária, para levar os cadáveres.

Um dia, um dos oficiais a cargo do campo, Shipman, disse-me que, se eu estava farto de ser um prisioneiro, podia comprar a liberdade alistando-me no exército do Norte. Neguei-me a isso, alegando que me era impossível fazê-lo.

Mas o oficial continuou, insistindo na superioridade do Norte e na certeza de derrota do Sul, e que era uma pena ver rapazes tão novos sacrificando a vida por uma causa perdida, qual o esclavismo. Mas era inutil tentarem influenciar-me com razões políticas: eu de política nada entendia; e, além do mais, meu pai adotivo fora um *gentleman* do Sul, e a gratidão que lhe devia obliterava-me a compreensão dos acontecimentos.

Mas passaram seis semanas e, no curso delas, a minha resolução de me deixar ficar prisioneiro foi-se deixando abalar por argumentos muito mais convincentes do que as razões benignas de Mr. Shipman: ante o alastramento das doenças, os horrores da prisão, e o pensamento de alí ficar encarcerado anos e anos, comecei a recear a loucura. Fiquei finalmente persuadido a aceitar os termos da libertação, e, acompanhado de outros prisioneiros, assentei praça na arma de artilharia dos Estados Unidos.

E mais uma vez, no dia 4 de junho, conheci o quente sol da liberdade.

Ao fim de três dias de serviço, os germes que trouxera comigo da prisão desencadearam-se com grande virulência, e no dia da chegada a Harpers Ferry a disenteria e a febre me prostraram. Pouco depois tinha baixa das fileiras, doente, feito um molambo.

O meu estado era o mais lamentável a que pode ver-se reduzida uma alma cristã, fora da prisão. Não tinha um *penny* no bolso; não sabia para onde ir, e não podia caminhar 300 metros sem que parasse com falta de ar. Quando de noite, sob a luz das estrelas, eu jazia por terra, inanimado como um pedaço de pau apodrecido, mas ardendo em febre e sangrando por dentro, nenhum desejo tinha de resistir à morte; porem, a aurora de cada dia me inspirava novo raio de esperança, que me impelia a procurar algum alimento e abrigo.

Hagerstown fica apenas a 38 quilômetros de Harpers Ferry, mas para chegar a uma fazenda que ficava a menos de metade dessa distância, arrastei-me eu durante uma semana. Pedí licença para me recolher a um barracão isolado; o lavrador trouxe-me um molho de feno que espalhou no chão, e deixei-me cair para alí, sem o mais leve desejo de me tornar a erguer. Passei alguns dias num estado de completa inconsciência, até que despertei—deitado numa enxerga e com uma camisa de algodão, limpa, enfiada no corpo. Graças à bondade assídua da gente do lugar, e à dieta de leite, recuperei lentamente as forças.

Fiquei na casa daquele bom Samaritano até meados de agosto, bem tratado e alimentado, e quando partí ele ainda insistiu em me pagar o bilhete para Baltimore.